

Kissinger: Brasil não deve temer sua dívida externa

O ex-secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger afirmou ontem que as taxas de juros internacionais deverão apresentar queda contínua, o que irá beneficiar o Brasil, que tem alta dívida externa. Kissinger elogiou a abertura política brasileira e disse que o Brasil não deve temer sua dívida externa, "porque é um país muito dinâmico, com muitos investimentos produtivos".

As declarações de Kissinger foram prestadas em entrevista coletiva, ontem, após as reuniões do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais. Essa entidade, com sede em Washington, pela primeira vez realiza encontro fora dos Estados Unidos. Seus objetivos, segundo Kissinger, são debater as relações Norte-Sul no contexto latino-americano. Da entrevista participaram ainda o presidente do Banerj, Israel Klabin, e o coordenador da reunião, David Ashire.

Das reuniões de ontem participaram o secretário de Estado assistente para Assuntos Internacionais do Governo dos Estados Unidos, James Bosworth, e o secretário-assistente para Assuntos Econômicos, Robert Hormats, além de empresários de diversos países.

CANCÚN

Henry Kissinger afirmou que o encontro era informal e se procurava deixar claro que suas conclusões não tinham o objetivo de pressionar quaisquer governos. Afirmou que a reunião da Cancún, que recentemente debateu o Diálogo Norte-Sul, deveria ser aprofundada por contatos como este, para maior conhecimento da situação dos países não-desenvolvidos. Kissinger elogiou a exposição feita por Delfim aos participantes, comentando que o ministro brasileiro mostrou imagem positiva sobre o endividamento brasileiro. Ele não concordou com a crítica de um jornalista, de que tais encontros visavam a estabelecer negociações bilaterais, quando o Brasil havia defendido, em Cancún, as negociações em bloco dos países não-desenvolvidos:

— Viemos aqui porque o Brasil é, cada vez mais, um país importante. Não estamos prestando um serviço ao governo americano, apenas trocando idéias para



Kissinger conversa com Israel Klabin durante a entrevista

conhecimento mútuo. O Centro tem objetivos políticos e filosóficos.

Kissinger manifestou sua esperança na queda dos juros internacionais e, perguntado sobre os graves efeitos das taxas para o Brasil, afirmou que também nos Estados Unidos essas taxas causam recessão e desemprego:

— Os juros já baixaram de 20 para 16 por cento e cairão mais. É bom lembrarmos que as altas taxas foram herdadas pelo governo Reagan e não incentivadas pelo atual governo — afirmou.

Por várias vezes, durante a entrevista, Kissinger mostrou bom-humor. Isso ocorreu quando um jornalista insistiu sobre o motivo da realização do encontro no Rio e ele deu o futebol como a razão principal. Em outro ponto, quando um jornalista deu à reunião Trilateral uma importância que ele considerou excessiva, comentou que, durante os encontros desse grupo, o mais difícil é se manter os delegados acordados. Quando um jornalista da revista Time fez pergunta sobre direitos humanos, Kissinger exclamou: "Você quer que eu me suicide?".

BRASIL

Kissinger defendeu sua tese de que o Brasil não é um simples país em desenvolvimento mas que, em muitos aspectos, é plenamente desenvolvido.

— O Brasil pode dar grande contribuição ao Diálogo Norte-Sul. É um país que não tem problemas de identidade, como ocorre com alguns países jovens. Não conta com ressentimento de outros países e tem aspirações importantes.

O ex-secretário disse que as reuniões do Centro não eram "secretas" mas "fechadas" e que essa falta de divulgação visa a dar mais autenticidade aos depoimentos.

DIREITOS HUMANOS

Instado por um jornalista americano a falar sobre direitos humanos, Kissinger criticou a política adotada por Carter. Disse que muitos países que receberam apoio dos Estados Unidos em favor de mais respeito aos direitos humanos passaram a ter governos hostis aos Estados Unidos. Defendeu a não-intervenção em assuntos internos de cada país.

Comentou que o governo chileno de Allende ia, a seu ver, estabelecer uma ditadura de esquerda e que as medidas rígidas da Argentina se destinavam a deter o terrorismo, e não fez críticas aos atuais governos desses países.

Com relação à situação em El Salvador, Kissinger disse não ter dúvidas do apoio de Cuba a Nicarágua no fornecimento de armas à resistência salvadoreña.